

DOIS POEMAS TRADUZIDOS POR RODRIGO SOLANO

GIOSUÈ CARDUCCI

ESCREVE G. C. ROSSI que “da grande tríade italiana da passagem entre os dois séculos, Carducci e Pascoli são pouco conhecidos em Portugal, e é fácil dar-se conta do motivo: as suas peculiaridades não coincidem com as experiências literárias e poéticas portuguesas do momento, particularmente empenhadas em conhecer e tornar suas as contemporâneas experiências gerais europeias e as francesas em particular” (*A literatura italiana e as literaturas de língua portuguesa*, Telos, Porto, 1973, p. 177). E não cabe dúvida que, em comparação com a projecção no meio literário e cultural português da obra de Gabriele D’Annunzio, e até dos romances de Antonio Fogazzaro, ao longo das primeiras décadas do século XX, a poesia de Giosuè Carducci (1835-1907) passou quase despercebida. É provável, contudo, que a atribuição do prémio Nobel, em 1906, tenha despertado algum interesse, talvez momentâneo, pela sua lírica. As duas traduções, assinadas por Rodrigo Solano, que aqui se reproduzem, testemunham-no, e creio que uma leitura aturada de jornais e revistas da época poderia facilmente dar conta de mais versões. Noutro plano, mereceriam ser avaliadas e eventualmente aprofundadas as semelhanças que G. C. Rossi assinala entre algumas composições de Gomes Leal e de Carducci, e não me parece de todo descabido pensar que um texto como *Inno a Satana* (1863) tenha sido de facto lido e apreciado no Portugal oitocentista. Rodrigo Solano nasceu em Penafiel em 1879 e morreu no

Porto em 1910. Desde muito novo colaborou no *Primeiro de Janeiro* e sucessivamente no *Correio do Norte* e no *Diário Nacional*. *Fumo*, o volume póstumo editado em 1915 com prefácio de João Grave, recolhe as colaborações poéticas dispersas na imprensa. Na terceira parte do livro, *Ramo furtado*, encontram-se traduções de vários autores como R. Dário, Rimbaud, Verlaine, Heine, Keats, ecc. *Il bove*, publicado em *Rime Nuove*, 1887, é um dos poemas mais conhecidos do autor, (“È una bella scultura: una forma eroica immersa in un’atmosfera aperta”, nas palavras de G. Getto, *Dal Carducci ai decadenti*, Zanichelli, Bologna, 1956, p. 14); em *Fantasia*, que faz parte do volume *Odi Barbare*, 1877, e relembra na *rêverie* visionária outros seus poemas, como *Visione* e *Sole d’Inverno*, o mundo antigo renasce evocado por uma voz feminina, enquanto o “odor su le salse aure” que “erra lungi” remete para o célebre soneto *Parfum Exotique* de C. Baudelaire, que certamente esteve presente na mente do poeta no momento da inspiração.

G. M.

IL BOVE

T’amo, o pio bove; e mite un sentimento
di vigore e di pace al cor m’infondi,
o che solenne come un monumento
tu guardi i campi liberi e fecondi,

o che al giogo inchinandoti contento
l’agil opra de l’uom grave secondi:
ei t’esorta e ti punge, e tu co’ l lento
giro de’ pazienti occhi rispondi.

Da la larga narice umida e nera
fuma il tuo spirito, e come un inno lieto
Il mugghio nel sereno aer si perde:

e del grave occhio glauco entro l’austera
dolcezza si rispecchia ampio e quieto
il divino del pian silenzio verde.

FANTASIA

Tu parli; e, de la voce a la molle aura
lenta cedendo, si abbandona l’anima
del tuo parlar su l’onde carezzevoli,
e a strane plaghe naviga.

Naviga in un tepor di sole occiduo
ridente a le cerulee solitudini:
tra cielo e mar candidi augelli volano,
isole verdi passano,

e i templi su le cime ardui lampeggiano
di candor pario ne l’ocaso roseo,
ed i cipressi de la riva fremono,
e i mirti densi odorano.

Erra lungi l’odor sulle salse aure
e si mesce al cantar lento de’ nauti,
mentre una nave in vista al porto ammaina
le rosse vele placide.

Veggio fanciulle scender da l’acropoli
in ordin lungo; ed han bei pepli candidi,
serti hanno al capo, in man rami di lauro,
tendon le braccia e cantano.

Piantata l’asta in su l’arena patria,
a terra salta un uom ne l’armi splendido:
è forse Alceo da le battaglie reduce
a le vergini lesbie?

RODRIGO SOLANO

FUMO

(LIVRO DUM POETA MORTO)

COM UM PREFÁCIO DE JOÃO GRAVE



EDIÇÃO DA
« RENASCENÇA PORTUGUESA »
PORTO

AO BOI

(De G. Carducci)

AMO-TE, ó Boi devoto; e um brando sentimento
De vigor e de paz espalhas dentro em mim,
Quer, pesado e solemne, igual a um monumento,
Fites o campo em flor, verde, livre e sem fim,

Quer ao pesado jugo acurvado e sem penas,
Prestes o teu auxilio ao homem diligente.
E elle aguilhoa-te sem dó; e tu apenas
Respondes com volver o teu olhar paciente.

Pela tua narina, em fumo leve e fino,
Sae teu espirito; e, alegre como um hymno,
Pelo ar sereno o teu mugir, lento, se perde.

E em teu olhar, sereno e doce e glauco e grave,
Reflecte-se, divino e macio e suave,
Da infinita campina o amplo silencio verde.

PHANTASIA

(Thema de Carducci)

FALAS. Da tua voz ao suave e lento
 Sôpro a noss'alma entrega-se rendida;
 E d'essa fala, na onda cariciosa,
 Navega a praia exotica.

Rapida singra, á luz do sol-poente,
 Risonha entre ceruleas soledades;
 Voam gaivotas entre o mar e o ceu
 E as ilhas verdes passam.

Refulgem templos nos agrestes cumes,
 Paros brancos no occaso cor de rosa;
 Tremem ao vento os cyprestaes e os myrtos
 O seu aroma exhalam.

Fumo

197

Ao largo, o cheiro forte do ar salino
 Mistura-se ao cantar lento dos nautas,
 Emquanto alça um navio, em frente ao porto,
 As brancas velas placidas.

Longa theoria vejo de donzellas
 A Acropole subir; candidos peplos,
 Nos cabellos grinaldas e nas mãos
 Levam ramos de loiro.

Plantando a lança sobre a patria areia,
 Em terra um homem salta, armado, esplendido:
 Será accaso Alceu, que ás virgens lesbias
 Offerece a victoria?